



## THE SKY AS SEEN FROM EARTH

*The sky is the world's great screen. It was the first and it will be the last, if there is an end to what had a beginning.*

*In the sky, suns and moons, clarities and shadows, dusks and dawns, apparitions of comets and star eclipses were looked upon. In the sky, omens and predictions were scrutinised, dangers and losses were foreseen, promises and pacts were celebrated, movements and halts were searched for. In the sky, loves and hates were deciphered, victories and defeats were scented, apogees and falls were predicted, fortunes and misfortunes were augured, destinies and disgraces were prophesied, lives and deaths were announced. In the sky, miracles, messages and mendacities were seen.*

*In the sky, faiths, morals, policies, economies, societies, cultures, cults were founded. In the sky, orders and powers, hierarchies and submissions, thrones and altars were constituted. In the sky, constructions and destructions were started. In the sky, laws and oaths, judgements and sentences took place. In the sky, words and numbers were read. In the sky, calculations, arithmetic, algebras and geometries were made. In the sky, routes, crossings and navigations were drawn. In the sky, narratives and stories were created. In the sky, fictions and films were imagined.*

*The sky was a cinema, television, computer screen when there was no cinema, television, computer. The sky, with a kitsch insistence, was said to be the Creator's great canvas!*

*The sky is the earth's dream. Sometimes its insomnia. It can be its oracle, as the one in Delphi that predicted from the motto "Know thyself!" It is also its unconscious, the place from where it came what already exists within us. It is, not rarely, its phantom, its fascination (Hamlet and the "Commandatore's" Statue, of Don Giovanni).*

*The sky is the gods' ground and the demons' ceiling. It is the sky of the past and the future, of alarm and alert, of tomorrows that sing and of yesterdays that scream. It is the sky of awes, tremors and terrors, of superstitions, of anxieties and fears. It is the sky of revolutions of stars and men.*

*It is the sky of cosmogonies and of cosmologies. It is the sky of time and eternity. It is the sky of birds and angels, of fire and water, of clouds and fogs, of snow and rain, of lightning and thunder, of heat and cold, of colours and tones, of sounds and silences, of reflexions and echoes. It is the sky of that music of the spheres, ce-*

## O CÉU VISTO DA TERRA

O céu é o grande *écran* do mundo. Foi o primeiro e será o último, se houver fim para o que teve princípio.

Aí se olharam sóis e luas, claridades e sombras, amanheceres e ocasos, aparições de cometas e eclipses de estrelas. Aí se perscrutaram presságios e prenúncios, se adivinharam perigos e perdas, se celebraram promessas e pactos, se procuraram movimentos e paragens. Aí se decifraram amores e ódios, se presentiram vitórias e derrotas, se vaticinaram apogeus e declínios, se auguraram fortunas e infortúnios, se profetizaram destinos e desatinos, se anunciaram vidas e mortes. Aí se viram milagres, mensagens, mentiras.

Aí se fundaram fés, morais, políticas, economias, sociedades, culturas, cultos. Aí se constituíram ordens e poderes, hierarquias e submissões, tronos e altares. Aí começaram construções e destruições. Aí se deram leis e juramentos, julgamentos e sentenças. Aí se leram palavras e números. Aí se fizeram cálculos, aritméticas, álgebras e geometrias. Aí se traçaram rotas, travessias e navegações. Aí se criaram narrativas e histórias. Aí se imaginaram ficções e filmes.

O céu foi *écran* de cinema, de televisão, de computador, quando ainda não havia cinema, televisão, computador. E do céu se disse, com uma insistência cercada pelo *kitsch*, que era a grande tela pintada pelo Criador!

O céu é o sonho da terra. Outras vezes, a sua insónia. Pode ser o seu oráculo, como aquele que, em Delfos, predizia, olhando a máxima: «Conhece-te a ti mesmo!» É ainda o seu inconsciente, esse lugar de onde vem o que já está em nós. É, não raro, o seu fantasma e o seu fascínio (o fantasma do Pai em *Hamlet*, e a Estátua do Comendador, em *Don Giovanni*).

O céu é o chão dos deuses e o tecto dos demónios. É o céu do passado e do futuro, do alarme e do alerta, dos amanhãs que cantam e dos ontem que gritam. É o céu dos temores, dos tremores e dos terrores, das superstições, das ansiedades e dos medos. É o céu das revoluções dos astros e dos homens.

É o céu das cosmogonias e das cosmologias. É o céu do tempo e da eternidade. É o céu das aves e dos anjos, do fogo e da água, das nuvens e dos nevoeiros, da neve e da chuva, dos relâmpagos e dos trovões, do calor e do frio, das cores e dos tons, dos

*lestial and aerial, sublime and wild, slow and fast, alliance of small infinites with great infinites, which, heard by Bach, Mozart, Beethoven or Mahler, became theirs – and from it they created their own.*

*It is the sky of sciences and knowledge, of math and physics, of astronomy and meteorology, of chemistry and thermodynamic, of astrophysics and astronauts, of astrologists and alchemists. It is the sky of constellations and galaxies, of stars and meteors, of balloons and planes, of rockets and UFOs.*

*It is the sky into which Leonardo da Vinci wanted to throw man flying. It is the sky for which Galileo was condemned and abjured whispering: “E pur si muove!” It is the sky of Padre Bartolomeu de Gusmão’s passarola (airship), of which Saramago wrote a memorial. It is the sky that from Kepler and Newton received the laws it had given to them. It is the sky from which an equation was made by Einstein. And maybe a green cloth for God to play the dice.*

*It is the sky of religions, theologies and philosophies. It is the sky of the woman from Thrace that laughed when Thales of Miletus fell in a well when looking at the stars. The slave’s laughter meant that it is useless to look at the sky if one’s feet are not on the ground. It is the sky of Plato’s Ideas, that cannot be seen from the cave in which we are. It is Kant’s sky: “Two things fill the mind with ever new and increasing admiration and awe (...): the starry heavens above me and the moral law within me”.*

*It is the sky where Christians placed a dead God, after He had returned to life – and from where Nietzsche has taken Him, after He had returned to death. It is the sky-origin of an ancient and ecumenical “opium of the people”, against which Marx, with a biblical fury, caused the rising of fists and flags the colour of blood pouring out from some wound opened millennia ago. It is the sky Darwin saw from Galapagos, before he pointed out to man, with his distant finger, a branch of his genealogical tree where a smiling monkey was seated. It is the sky of Freud, from which Moses, that other Oedipus from another Sphinx, received the Law, the enigma and the death of the Father.*

*It is the sky Foucault brought closer to sex this way: “... we will, perhaps, smile, remembering that those men we were believed that there is in that side (of sex) a verity at least so precious as the one they already had asked for to earth, to the stars and to the pure shape of their thought.”*

*It is the sky of poetry and literature. It is the sky of Gilgamesh: The mother of Gilgamesh, Ninsun, said to him “This star of heaven which descended like a meteor from the sky; which you tried to lift, but found too heavy, when you tried to move it would not budge,*

sons e dos silêncios, dos reflexos e dos ecos. É o céu dessa música das esferas, celestial e aérea, sublime e selvagem, lenta e célere, aliança de infinitos pequenos com infinitos grandes, que, escutada por Bach, Mozart, Beethoven ou Mahler, que a fizeram sua, e que com ela fizeram a deles.

É o céu das ciências e dos saberes, da matemática e da física, da astronomia e da meteorologia, da química e da termodinâmica, dos astrofísicos e dos astronautas, dos astrólogos e dos alquimistas. É o céu das constelações e das galáxias, dos astros e dos meteoros, dos balões e dos aviões, dos foguetões e dos OVNIS.

É o céu para onde Leonardo da Vinci quis atirar o homem a voar. É o céu pelo qual Galileu foi condenado e abjurou, continuando a murmurar: «Eppur si muove!» É o céu da passarola do Padre Bartolomeu de Gusmão, de que Saramago fez um memorial. É o céu que, de Kepler e de Newton, recebeu as leis que lhes deu. É o céu de que Einstein fez uma equação. E talvez um pano verde para Deus jogar aos dados.

É o céu das religiões, das teologias e das filosofias. É o céu da mulher de Trácia, a quem Tales de Mileto fez rir quando, ao olhar as estrelas, caiu num poço. Esse riso da escrava dizia que não vale a pena sabermos pôr os olhos no céu, se não soubermos pôr os pés na terra. É o céu das Ideias de Platão, que da caverna onde estamos não se vê. É o céu de Kant: «Duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito (...): o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim».

É o céu onde os cristãos puseram um Deus morto, depois de voltado à vida — e de onde Nietzsche o tirou, depois de voltado à morte. É o céu-origem de um antigo e ecuménico «ópio do povo», contra o qual Marx, com uma cólera bíblica, fez erguer os punhos e as bandeiras da cor de um sangue que jorra de uma ferida aberta há milénios. É o céu que Darwin olhou das Ilhas Galápagos, antes de, com o seu dedo longínquo, apontar ao homem um ramo da sua árvore genealógica onde se senta um risinho macaco. É o céu de Freud, do qual Moisés, esse outro Édipo de outra Esfinge, recebeu a lei, o enigma e a morte do Pai.

É o céu que Foucault aproximou assim do sexo: «(...) sorrirmos, talvez, ao recordar-nos de que aqueles homens que fomos acreditavam que há desse lado [do sexo] uma verdade pelo menos tão preciosa como a que já tinham pedido à terra, às estrelas e às formas puras do seu pensamento».

É o céu da poesia e da literatura. É o céu de Gilgamesh: «A mãe de Gilgamesh era sábia, era subtil, / em tudo versada, disse ao seu filho (...): / “As estrelas do céu sobrepujavam a tua cabeça, / como rocha do céu, uma caiu na tua direção. / Quiseste levantá-la,

*and so you brought it to my feet; I made it for you, a goad and spur, and you were drawn as though to a woman. This is the strong comrade, the one who brings help to his friend in his need. He is the strongest of wild creatures, the stuff of Anu; born in the grasslands and the wild hills reared him; when you see him you will be glad; you will love him as a woman and he will never forsake you."*

*It is the sky of Homer: Praying he said, looking to the broad sky: "Let Zeus, the loftiest and finest god, / first witness, then Sun and the Erinyes, / those Furies under the earth who punish/ men who've made false oaths—I hereby swear/ I've never laid a hand on that girl Briseis". It is the sky of Dante: "The glory of Him, who moves all things, penetrates the universe, and glows in one region more, in another less. I have been in that Heaven that knows his light most, and have seen things, which whoever descends from there has neither power, nor knowledge, to relate: because as our intellect draws near to its desire, it reaches such depths that memory cannot go back along the track". It is the sky of Shakespeare, the one Hamlet spoke about to Horatio: "There are more things in heaven and earth, Horatio, / Than are dreamt of in your philosophy." It is the sky of Camões: "Ah! where shall weary man take sanctuary, / where live his little span of life secure? / and 'scape of Heav'n serene th'indignant storms/ that launch their thunders at us earthen worms?" And Camilo Castelo Branco's sky of "Fatal Stars" and of "Star Propitious". It is the sky of Eça de Queiroz: "... and above, on high, an immense blue glazed like fine enamel, where but a tiny rag of mist had been left, and lay and hung from the light..." It is the sky Comte de Lautréamont has started "Les Chants de Maldoror" with: "May it please heaven that the reader, emboldened and having for the time being become as fierce as what he is reading, should, without being led astray, find his rugged and treacherous way across the desolate swamps of these sombre and poison-filled pages..."*

*It is the sky falling down to meet Fernando Pessoa's sea: "God gave to the sea danger and the abyss, / But in it lies what the sky mirrored". Or that of Ricardo Reis: "Life is sad. The sky always the same. The hour / Passes according to our sterile, shy manner. / Ah, sad that there be no terraces over the impossible". Or Alberto Caeiro's: "The spring moon goes high in the sky. / I think of you and I'm whole inside." And Álvaro de Campos': "But who notices the sun except when the rain stops / And it breaks through the clouds and points behind its back / To the blue of the sky?". And Bernardo Soares' sky: "The blue of the sky showing between the still clouds was smudged with transparent white.". It is the sky in Saint-Exupéry's "Night Flight". And in Romain Gary's "The roots*



era muito pesada, / quiseste movê-la, nem sequer oscilou. / Ergueste-a então para depô-la a meus pés / e eu, Ninsun, fiz dela o teu par. / Tal a uma esposa, amaste-a, acariciaste, abraçaste: / um amigo possante virá até ti, para ser amparo do amigo; / poderoso entre os demais, pleno de vigor, / a sua força é como a rocha que cai do céu. / Tal a uma esposa, hás de amá-lo, acariciá-lo, abraçá-lo, / e o seu poder, muitas vezes, ser-te-á salvação.”»

É o céu de Homero: «Rezando assim disse, olhando para o vasto céu: // “Que saiba Zeus antes de tudo, mais sublime e melhor dos deuses, / e a Terra e o Sol e as Erínias, que debaixo da terra / se vingam dos homem que juram juramentos falsos, / que eu não pus a mão na donzela Briseida”». É o céu de Dante: «A glória do alto ser que tudo move / pelo universo a penetrar resplende / mais numa parte e menos noutra chove. / No céu que mais lhe toma a luz que acende / eu fui e coisas vi que repetir / não sabe ou pode quem de lá descende;» É o céu de Skakespeare, de que Hamlet fala a Horácio: «No céu e na terra, Horácio, há muitas coisas que a tua filosofia não sonhou». É o céu de Camões: «Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?» É o céu das *Estrelas Funestas* e o céu das *Estrelas Propícias* de Camilo Castelo Branco. É o céu de Eça de Queiroz: «(...) e por cima arredondava-se um grande azul lustroso como um belo esmalte, tendo apenas, lá no alto, um farrapozinho de névoa, que ficara ali esquecido, e que dormia enovelado e suspenso na luz...» É o céu com que o Conde de Lautréamont começou os *Cantos de Maldoror*: «Queira o céu que o leitor, encorajado e tornando-se momentaneamente tão cruel como o que está a ler, saiba descobrir, sem se desorientar, um caminho abrupto e selvagem por entre os pântanos desolados destas páginas sombrias e repletas de veneno...»

É o céu que baixa ao encontro do mar português de Fernando Pessoa: «Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu.» Ou o de Ricardo Reis: «A vida é triste. O céu é sempre o mesmo. A hora / passa segundo a nossa vontade. / Ah não haver terraços sobre o impossível.» Ou o de Alberto Caeiro: «Vai alta no céu a lua da Primavera / Penso em ti e dentro de mim estou completo.» E o de Álvaro de Campos: «Mas quem repara no sol senão quando a chuva cessa, / E ele rompe as nuvens e aponta para trás das costas / Para o azul do céu?» E o céu de Bernardo Soares: «Este ar baixo e nuvens paradas. O azul do céu estava sujo de branco transparente.» É o céu do *Voo Nocturno*, de Saint-Exupéry. E o das *Raízes do Céu*, de Romain Gary. É o céu d’*O Céu que nos Protege*, de Paul Bowles. É o da *Pedra Lunar*, de Tommaso Landolfi.

of Heaven". It is the sky in Paul Bowles' "The Sheltering Sky". And Tommaso Landolfi's in "Pietra Lunare".

It is the sky from "Canzone Per Te", in which Amália sang in Italian: "La festa appena cominciata/ È già finita/ Il cielo non è più com noi/ Il nostro amore era l'invidia di chi è solo/ Era il mio orgoglio la tua allegria". It is Herberto Helder's sky: "If there were steps on earth and the sky had rings, /I could walk the steps and to the rings I could attached myself. / In the sky I could weave a whole black cloud. / And could it snow and rain, and could it be light in the mountains, / and at the door of my love the gold could be accumulated". It is the sky in "La Théorie des nuages", by Stéphane Audeguy.

It is the sky looking upon us and the sky we look at. It is the sky of art. A history of art can be made from the sky not showing us less than the one made from the earth.

From painting to drawing, from sculpture to engraving, from photography to cinema, the skies cross the works we see, changing from one to another with the same change with which their brightness or their darkness turns into a river of Heraclitus where no one can bathe their eyes in twice. And it is to Rimbaud's sea that that river will lead: "The sea is above like in the gravures".

From Giotto's populated sky, with its angels in flying fast, to Friedrich's explosive sky; from Vermeer's loquacious sky to Margritte's aphasic sky; from Ruysdael's lyric sky to Tintoretto's epic sky; from Dali's sexual sky to Hooper's solitary sky; from Bosh's sky in flames to Breugel's dry sky, from where Icarus falls down; from Chirico's mysterious sky to Marx Ernst's lecherous sky; from Monet's abstract sky to the Van Gogh's agitated sky; From Manet's geometrical sky to Gauguin's distant sky; from Boudin's elegant sky to Turner's enraged sky; and from Ghiberti's sky of suns to Rodin's sky of shadows; and from Dreyer's mystical sky to Visconti's poisoning sky; from Hitchcock's sky full of birds to Kitsh's and Spielberg's ET one; from Murnau's hallucinated sky to Buñel's dramatic sky; from the metonymic sky of "Gone with the Wind" to the westerns' metaphorical sky; and from Gustave le Gray's big-bang sky to Edward Steichen's phantom sky; from Cecil Beaton's scenario-sky to Berenice Abbot's urban sky; from Stephen Shore's cinematographic sky to Richard Misrach's light sky; from Alfred Stieglitz's sky in series to Joel Sternfeld's background sky; from Eugène Atget's dark sky to Paul Strand's still sky; from Robert Frank's secondary sky to Ansel Adam's leading sky; From Robert Capa's masculine sky to Augusto Alves da Silva's aeronautic sky; from Tacita Dean's remade sky to Manuel Valente Alves sky of clouds – here are skies and skies and more skies passing by in art at the same speed clouds pass by in the sky.



É o céu da «Canzone per te», que Amália cantava em italiano: «La festa è appena cominciata / È già finita / Il cielo non è più con noi / Il nostro amore era l'invidia di chi è solo / Era il mio orgoglio la tua allegria». É o céu de Herberto Helder: «Se houvesse degraus na terra e tivesse anéis o céu / eu subiria os degraus e aos anéis me prenderia. / No céu podia tecer uma nuvem toda a negra. / E que nevasse, e chovesse, e houvesse luz nas montanhas, / e à porta do meu amor todo o ouro se acumulasse.» É o céu de *La théorie des nuages*, de Stéphane Audeguy.

É o céu que nos olha e o céu que olhamos. É o céu da arte. A partir do céu, pode fazer-se uma história da arte que não nos mostra menos do que aquelas que são feitas a partir da terra.

Da pintura ao desenho, da escultura à gravura, da fotografia ao cinema, os céus atravessam as obras que vemos, mudando de umas para as outras com a mesma mudança com que faz do seu claro ou do seu escuro um rio de Heraclito onde também ninguém consegue banhar os olhos duas vezes. E é ao mar de Rimbaud que esse rio vai dar: «O mar é em cima como nas gravuras».

Do céu povoado de Giotto, com os seus anjos em voo veloz, ao céu explosivo de Friedrich; do céu loquaz de Vermeer ao céu afásico de Magritte; do céu lírico de Ruysdael ao céu épico de Tintoretto; do céu sexual de Dali ao céu solitário de Hooper; do céu em chamas de Bosch ao céu seco de Brueghel, de onde Ícaro cai; do céu misterioso de Chirico ao céu lascivo de Max Ernst; do céu abstracto de Monet ao céu agitado de Van Gogh; do céu geométrico de Manet ao céu longínquo de Gauguin; do céu elegante de Boudin ao céu enfurecido de Turner; e do céu de sóis de Ghiberti ao céu de sombras de Rodin; e do céu místico de Dreyer ao céu venenoso de Visconti; do céu carregado de pássaros de Hitchcock ao céu *kitsh* do E.T. de Spielberg; do céu alucinado de Murnau ao céu dramático de Buñuel; do céu metonímico de *E Tudo o Vento Levou* ao céu metafórico dos *westerns*; e do céu- bing-bang de Gustave le Gray ao céu-fantasma de Edward Steichen; do céu-cenário de Cecil Beaton ao céu urbano de Berenice Abbot; do céu cinematográfico de Stephen Shore ao céu leve de Richard Misrach; do céu em série de Alfred Stieglitz ao céu fundo de Joel Sternfeld; do céu sombrio de Eugène Atget ao céu parado de Paul Strand; do céu secundário de Robert Frank ao céu principal de Ansel Adams, do céu masculino de Robert Capa ao céu aeronáutico de Augusto Alves da Silva; do céu refeito de Tacita Dean ao céu de nuvens de Manuel Valente Alves — eis céus e céus e céus e mais céus, que passam na arte à velocidade das nuvens que neles passam.

Fitar o céu é dar um cimo ao nosso olhar. É dar-lhe, às vezes, também um centro. Outras, é conceder-lhe a figuração de uma

*To stare at the sky is to place our eye above. It is also, sometimes, to give our eye a centre. It can also be to grant it the figuration of an escape. Or giving it a conscious portion of infinite. It is even maybe to grant our eye a possible part of eternity. Or can it either be to place it in a dangerous position? Or grant it a promise of hallucination? Or can it be to give it back the possibility of a possession?*

*In that movement we make with our head when looking at the sky, our scale, horizon, planet, universe, body, soul, genre and maybe even our condition is changed.*

*Marguerite Yourcenar's Hadrian tells: "From the nights of my childhood, when Marullinus first pointed out to me the constellations above, my curiosity for the world of the spheres has not abated. In the watches of camp life, I looked with wonder at the moon as it raced through the clouds of barbarian skies; in later years, in the clear nights of Attica, I listened while Theron of Rhodes, the astronomer, explained his system of the world. In mid- Aegean, lying flat on the deck of a ship, I have followed the slow oscillation of the mast as it moved among the stars, swaying first from the red eye of Taurus to the tears of the Pleiades, then from Pegasus to the Swan. I answered as well as I could the naive questions so gravely put by the youth gazing with me at that same sky. Here at 'the Villa I have built an observatory, but I can no longer climb its steps. Once in my life I did a rarer thing. I made sacrifice to the constellations of an entire night. It was after my visit to Osroes, coming back through the Syrian desert: lying on my back, wide awake but abandoning for some hours every human concern, I gave myself up from nightfall to dawn to this world of crystal and flame. That was the most glorious of all my voyages "*

*When the car of his life was already drifting along the road of death, Hadrian, emperor of a fertile time ("saeculum aureum") and earth stabilizer ("tellus stabilita"), spoke of himself and of the world to a successor, him to be emperor Marcus Aurelius. He spoke to him about earth as if showing him photos of the future – not only of its lands and seas, but of its skies.*

*Cláudio Garrudo looked at the sky and made it coincide with his will to bring it closer to us – or to take us closer to it. By capturing it, the photographer seized it and made it the instant in which art and technique, that in ancient Greek were one single word – "tekné" – met. As Susan Sontag once said: "Whatever the claims for photography as a form of personal expression on a par with painting, it remains true that its originality is inextricably linked to the powers of the machine: no one can deny the informativeness and formal beauty of many photographs made possible by the steady growth of these powers".*

fuga. Ou é dar-lhe uma porção consciente de infinito. É talvez mesmo oferecer-lhe uma parte possível de eternidade. Ou será antes pô-lo numa posição de perigo? Ou é entregar-lhe uma promessa de alucinação? Ou será restituir-lhe a possibilidade de uma possessão?

Nesse movimento de cabeça com que olhamos o céu, mudamos de escala, de horizonte, de planeta, de universo, de corpo, de alma, de género e talvez até mesmo de condição.

O Adriano de Marguerite Yourcenar conta: «Desde as noites da minha infância, em que o braço erguido de Marolino [o avô] me indicava as constelações, a curiosidade das coisas do céu nunca mais me deixou. Durante as vigílias forçadas dos acampamentos contemplei a Lua correndo atrás das nuvens dos céus bárbaros; mais tarde, em claras noites áticas, ouvi o astrónomo Theron de Rodes explicar-me o seu sistema do mundo; estendido na ponte de um navio, em pleno mar Egeu, vi a lenta oscilação do mastro deslocar-se entre as estrelas, ir do olho vermelho do Touro ao choro das Plêiades, de Pégaso ao Cisne: respondi o melhor que pude às perguntas ingénuas e graves do jovem que contemplava comigo o mesmo céu [Antínoo]. Mandeí construir aqui, na Villa [Adriana], um observatório cujas escadas a doença me impede hoje de subir. Uma vez na minha vida fiz mais: ofereci às constelações o sacrifício de uma noite inteira. Foi depois da minha visita a Osroés, durante a travessia do deserto sírio. Deitado de costas, com os olhos bem abertos, abandonando por algumas horas todos os cuidados humanos, entreguei-me, do anoitecer à madrugada, àquele mundo de chama e de cristal. Foi a mais bela das minhas viagens. O grande astro da constelação da Lira, estrela polar dos homens que hão-de viver dezenas de milhares de anos depois de nós termos deixado de existir, resplandecia por cima da minha cabeça. (...) Tentei unir-me ao divino sob várias formas, conheci mais de um êxtase; há alguns atozes e outros de uma perturbante doçura. O da noite síria foi estranhamente lúcido. Gravou em mim os movimentos celestes com uma precisão que nenhuma outra observação parcial me teria jamais permitido atingir».

Quando o carro da sua vida corria já na estrada da morte, Adriano, imperador de um tempo fértil («*saeculum aureum*») e estabilizador da terra («*tellus stabilita*»), falava de si e do mundo a um sucessor, aquele que seria o imperador Marco Aurélio. Falava-lhe da terra como se mostrasse as fotografias do futuro — não apenas das suas terras e dos seus mares, mas as dos seus céus.

Cláudio Garrudo olhou o céu e fê-lo coincidir com a sua vontade de o aproximar de nós — ou de nos aproximar dele. Ao captá-lo,

*To print his photographs, the photographer returns to an antique technique: the cyanotype. This method of doing things was discovered-invented-applied by John Herschel, an English scientist who was also an astronomer. And afterwards by the botanist Anna Atkins. Herschel, astronomer! There are coincidences protected by heaven.*

*The Ermida (of Nossa Senhora da Conceição or of Belém), in the little alley where it's edified for almost three centuries, has been giving time the silence that makes it slow. These images by Cláudio Garrudo are the echo of that mute voice and the reflex of that blind light. They are even the images of an interior telescope becoming ours only when we imagine them being others'. That's why these photographs are along with the place where we see them.*

*Photography is an art of crossings and meteorologies, of take-offs and landings, of passages and stoppages. It is also an art of resistances and perseverances (sometimes withdrawals too), of transparencies and opacities, of crystallizations and fluxes, of singularities and of series.*

*Cláudio Garrudo likes to feel the time passing in him and in the world (a proof of that is his tenyear long work in which he uses his body as both a chronometer and a calendar). He likes to find the kairos (qualitative time) of the khronos (quantitative time). He likes, in that search, to make his will meet his desire and his desire meet his verity.*

*His projects are like visual clocks. They are iconographic kammasutras with diverse positions and different breathings. In his body-to-body with the world (or maybe his idea of it?), time is his sex and image (with the camera's shot) his climax.*

*After writing this I went back to the book "Camera Lucida", always quoted and never read one too many times, and realised that, in it, Roland Barthes confirms my thoughts: "For me, the Photographer's organ is not his eye (which terrifies me) but his finger; what is linked to the trigger of the lens, to the metallic shifting of the plates (when the camera still has such things). I love these mechanical sounds in an almost voluptuous way, as if, in the Photograph, they were the very thing-and the only thing-to which my desire clings, their abrupt click breaking through the mortiferous layer of the Pose. For me the noise of Time is not sad: I love bells, clocks, watches and I recall that at first photographic implements were related to techniques of cabinetmaking and the machinery of precision: cameras, in short, were clocks for seeing, and perhaps in me someone very old still hears in the photographic mechanism the living sound of the wood."*

*The sky, with its blind light, from these photographs by Cláudio*

o fotógrafo capturou-o e fez disso o ponto em que a arte e a técnica, que em grego antigo têm a mesma palavra para se dizer — *tekne* — se encontram. Como afirmou Susan Sontag: «Por muito que se pretenda que a fotografia seja uma forma de expressão pessoal a par com a pintura, não é menos verdade que a sua originalidade está inextricavelmente ligada aos poderes da máquina: ninguém pode negar que o grau de informação e a beleza formal de muitas fotografias foram possíveis pelo constante crescimento desses poderes...»

Para imprimir as suas fotografias, o fotógrafo restitui ao tempo uma técnica encontrada nele: a cianotopia. Este modo de fazer as coisas foi descoberto-inventado-aplicado por John Herschel, um cientista inglês que também era astrónomo. E depois pela botânica Anna Alkins. Herschel, astrónomo! Há coincidências protegidas pelo céu.

A Ermida (de Nossa Senhora da Conceição ou de Belém), na Travessa onde se ergue há quase três séculos, tem dado ao tempo o silêncio que o torna lento. Estas imagens de Cláudio Garrudo são o eco dessa voz muda e o reflexo dessa luz cega. São ainda as imagens de um telescópio interior que só se tornam nossas quando as imaginamos dos outros. Por isso, estas fotografias estão certas com o lugar onde as vemos.

A fotografia é uma arte de travessias e de meteorologias, de descolagens e de aterragens, de passagens e de paragens. É também uma arte de resistências e de persistências (às vezes, também de desistências), de transparências e de opacidades, de cristalizações e de fluxos, de singularidades e de séries.

Cláudio Garrudo gosta de sentir o tempo a passar em si e no mundo (o trabalho que vai durar dez anos, em que faz do seu corpo um cronómetro e um calendário, é disso uma prova). Gosta de encontrar o *kairos* (tempo qualitativo) do *khronos* (tempo quantitativo). Gosta de, nessa busca, levar a sua vontade ao seu desejo e o seu desejo à sua verdade.

Os seus projectos são como relógios visuais. São kamasutras iconográficos com diversas posições e diferentes respirações. No seu corpo-a-corpo com o mundo (ou será com a sua ideia dele?), o tempo é o seu sexo, e a imagem (com o disparo da máquina fotográfica) o seu clímax.

Depois de ter escrito isto, regressei a um livro, *A Câmara Clara*, sempre citado e nunca demasiadamente lido, e vi que nele Roland Barthes me confirma: «Para mim, o órgão do Fotógrafo não é o olho (ele assusta-me), é o dedo; aquilo que está ligado ao disparar da objectiva, ao deslizar metálico das placas (quando o aparelho ainda as utiliza). Gosto desses ruídos mecânicos de

*Garrudo, has its day shadows and its night lights. There's no punctum in it— only studium (continuing on Roland Barthes's sight). And that's what makes our look contemplative, solitary, sober and a bit solemn. Perhaps a little thoughtful.*

*I keep on reading Barthes: "Photography is subversive not when it frightens, reels, or even stigmatizes, but when it is pensive, when it thinks." And he adds "The photograph touches me if I withdraw it from its usual blah-blah: "Technique," "Reality," "Re portage," "Art," etc.: to say nothing, to shut my eyes, to allow the detail to rise of its own accord into affective consciousness". Without it, I would say, everything becomes the opposite of what it should be: a trip from return to departure, where one always arrives always.*

*These photographs verge on the visual obsession of Japanese stamps and aerial dreams. They have a living stillness (it is still Barthes in this italic).*

*In them, there is the slowness of the fastness that dies. In them, our look touches the photographic eye of their photographer (there are photographers who don't have a photographic eye). In them, that encounter of looks say that the sky is solely another ground for us to walk on, the other way around. Maybe, that way, the world seems righter to us – and the sky clearer and more real.*

*A photographer photographing the sky is always a Prometheus waiting for a fire, for a light, for a shadow to steal.*

*Therefore, these are Cláudio Garrudo's photographs – and they are photographs of Cláudio Garrudo's sky, what he has brought to earth ("Ceci est une pipe"! ). Through their blue, robberies, raptures and preys pass by. Vortexes, vaultings, velocities, vagaries, vacancies, vertigoes, vertices pass by. Through them, the many skies of the sky and the many skies of art pass by. That is the whispered secret which, by telling one another, they are telling us.*



uma forma quase voluptuosa, como se, da Fotografia, eles fossem precisamente aquilo — e unicamente aquilo — a que o meu desejo se agarra quebrando com o seu estalido seco, a mortalha da Pose. Para mim, o barulho do Tempo não é triste: gosto dos sinos, dos relógios — e recordo-me de que, na origem, o material fotográfico estava ligado às técnicas de marceneiro e de mecânica de precisão; no fundo, os aparelhos eram relógios de ver, e talvez em mim alguém de muito antigo ouve ainda no aparelho fotográfico o barulho vivo da madeira.»

O céu, com a sua luz cega, destas fotografias de Cláudio Garrudo tem as sombras do dia e as luzes da noite. Aqui, não há *punctum* — apenas *studium* (para continuar com Roland Barthes na mira). E é isso que torna o nosso olhar contemplativo, solitário, sóbrio e um pouco solene. Talvez um bocado pensativo.

Continuo a ler Barthes: «No fundo, a Fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou estigmatiza, mas quando é *pensativa*». E acrescenta: «A foto toca-me quando a retiro do seu “bla-bla” vulgar: “Técnica”, “Realidade”, “Reportagem”, “Arte”, etc.; nada dizer, fechar os olhos, deixar que o pormenor suba sozinho à consciência afectiva». Sem isso, digo eu, tudo se torna o contrário do que deve ser: viagem do regresso para a ida, onde já se chega sempre atrasado.

Estas fotografias aproximam-se da obsessão visual das estampas japonesas e dos sonhos aéreos. Têm uma *«imobilidade viva»* (ainda é Barthes que diz este itálico).

Nelas, há a lentidão da rapidez que morre. Nelas, o nosso olhar toca o olhar fotográfico do seu fotógrafo (há fotógrafos que não têm um olhar fotográfico). Nelas, esse encontro de olhares diz que o céu é apenas um outro chão para andarmos nele ao contrário. Talvez, assim, o mundo nos pareça mais certo — e o céu mais nítido e mais real.

Um fotógrafo que fotografa o céu é sempre um Prometeu à espera de um fogo, de uma luz, de uma sombra para roubar.

Por isso, estas são fotografias do Cláudio Garrudo — e são fotografias do céu do Cláudio Garrudo, o que ele trouxe à terra («*Ceci est une pipe*»!). Pelo azul delas, passam roubos, raptos e rapinas. Passam vórtices, volteios, velocidades, vagares, vagas, vertigens, vértices. Por elas, passam os muitos céus do céu e os muitos céus da arte. Esse é o sussurrado segredo que, dizendo-o umas às outras, nos dizem a nós.

































CLÁUDIO GARRUDO  
Lisboa/Lisbon, 1976.

Fotógrafo, produtor cultural, editor e pai, actividades a que se dedica de alma e coração. Dizem-lhe que nasceu em Lisboa em 1976, mas não se lembra. Já expôs individualmente em Portugal, Espanha, República Checa, Eslováquia e Roménia, participou em feiras de arte em Miami, Nova Iorque e Madrid, ganhou o primeiro prémio da VII edição da BIENAL DE CORUCHE e editou diversos livros de fotografia. É representado pela GALERIA DAS SALGADEIRAS em Lisboa e artista convidado da H'ART GALLERY (Bucharest). Organizador do BAIRRO DAS ARTES e do MAPA DAS ARTES, membro da direcção da associação ISTO NÃO É UM CACHIMBO, consultor da INCM e director editorial da SÉRIE PH (coleção de livros de fotografia da Imprensa Nacional).

*Photographer, cultural producer and father, activities he dedicates himself to from the heart and soul. He has been told he was born in 1976 but he doesn't remember. Has exhibited individually in Portugal, Spain, Check Republic, Slovakia and Romania, participated in art fairs in Miami, NY and Madrid, won the first prize of the 7th edition of CORUCHE'S BIENNALE, Portugal and edited several photography books. He is represented by SALGADEIRAS GALLERY in Lisbon and invited artist of H'ART GALLERY (Bucharest). He organizes "BAIRRO DAS ARTES" and "MAPA DAS ARTES", is one direction member of the association "ISTO NÃO É UM CACHIMBO", consultant of INCM and editorial coordinator of "SÉRIE PH" (photography books collection).*

EXPOSIÇÃO/EXHIBITION

## LUZ CEGA CLÁUDIO GARRUDO

Ermida Nossa Sr<sup>a</sup> da Conceição  
06.01.2018 — 21.02.2018

CARACTERÍSTICAS/CHARACTERISTICS © Cláudio Garrudo, 2018; Cianotipos em papel 100% algodão/  
*100% cotton paper cyanotypes*; EDIÇÃO/EDICÃO 3 + 1 PA; 56 × 76 CM / 72 × 108 CM / 15 × 22 CM;  
IMPRESSÃO/PRINTING Imagerie; MOLDURAS/FRAMES Superfície Pictórica.

PROJECTO TRAVESSA DA ERMIDA

DIRECÇÃO/DIRECTOR Eduardo Fernandes; PROJECT MANAGER Fábía Fernandes; MONTAGEM/SETTING Madalena éme.

LIVRO/BOOK

EDITADO E PUBLICADO POR/EDITED AND PUBLISHED BY Mercador do Tempo Lda;  
TEXTO/TEXT José Manuel dos Santos; TRADUÇÃO/TRANSLATION Fábía Fernandes;  
FOTOGRAFIA/PHOTOGRAPHY Bruno Barata; DESIGN GRÁFICO/GRAPHIC DESIGN NADA ([www.designbynada.com](http://www.designbynada.com));  
TIPO DE LETRA/TYPEFACE URW Grotesk, Akzidenz Grotesk, Arnhem; IMPRESSÃO/PRINTING Matriz Radical;  
EXEMPLARES/COPIES 250 + 50 exemplares edição especial/ 250 + 50 special edition copies;  
PAPEL/PAPER Munken Pure; ISBN 978-989-8277-58-9; DEPÓSITO LEGAL/LEGAL STORAGE 435575/17.

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGEMENTS

Ana Matos, Monsenhor António Ferreira da Costa, Bruno Garrudo, Casa Fernando Pessoa, Eduardo Fernandes, Fábía Fernandes, Francisco de Almeida Dias, Galeria das Salgadeiras, José Domingos, José Manuel dos Santos, Magda Fernandes, Paulo Condez, Rita Santos, Rui Oliveira.

CONTACTOS/CONTACTS



Trav. do Marta Pinto, 21  
1300-390 Lisboa, Portugal  
(+351) 213 637 700

[WWW.CLAUDIOGARRUDO.COM](http://WWW.CLAUDIOGARRUDO.COM)  
[WWW.TRAVESSADAERMIDA.COM](http://WWW.TRAVESSADAERMIDA.COM)